

Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 3, número 1, janeiro-junho 2011

É COM A SATISFAÇÃO DE SEMPRE QUE LANÇAMOS MAIS UMA EDIÇÃO DA WEBMO-SAICA, com a qual oferecemos aos leitores trabalhos de elevada qualificação, inéditos em língua portuguesa. Ao longo de suas seções, apresentamos um total de 16 textos, que variam em suas características conforme a seção em que comparecem: **Dossiê, Artigos, Entrevistas, Memória e Resenhas**. Os autores também são de origens, áreas de atuação dentro das ciências humanas e/ou vinculações institucionais diversas. Neste sentido, sentimo-nos orgulhosos em divulgar trabalhos de professores de Israel, dos Estados Unidos e da França e de professores de universidades brasileiras como a Universidade de São Paulo, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esses colaboradores nos honram com sua presença na revista e nos garantem mais um selo de credibilidade acadêmica.

O tema *Educação para a diversidade* foi escolhido para os trabalhos apresentados no **Dossiê**. Sendo a WebMosaica uma revista de estudos judaicos, a escolha deste tema pode surpreender, tendo em vista que alguns artigos nesta seção não abordam questões judaicas ou não foram escritos por judeus. No entanto, como os judeus têm sido alvo de inúmeras discriminações há pelo menos cinco séculos e em vista das constantes manifestações de discriminação em relação às minorias e às diferenças étnicas, físicas, religiosas, culturais e ideológicas que proliferam em diferentes nações, tanto periféricas como desenvolvidas, percebemos a importância de reservar um espaço na revista que abordasse e discutisse esta questão e de unirmo-nos a movimentos dos Direitos Humanos pelo combate à discriminação de qualquer espécie. A escolha dessa temática, assim, decorre de nossa crença na necessidade de um investimento em educação para a diversidade, para o combate à intolerância, para a democracia e para a paz. Os cinco trabalhos apresentados no Dossiê, cada um à sua maneira, contribuem para o avanço dessas questões.

Mas este é um número especial. Em razão disso, as seções seguintes, usualmente ocupadas por textos de temas livres, nesta edição são dedicadas a um único tema: Moacyr Scliar. Desse modo, os editores, através da WebMosaica, rendem sua homenagem à memória de Moacyr Scliar, falecido recentemente, e o fazem do modo como lhes pareceu que seria do seu maior gosto: a palavra. Nada mais significativo, portanto, para a WebMosaica, do que homenageá-lo por meio desta que foi sua ferramenta de trabalho e expressão de sua inteligência criativa e fecunda imaginação. Assim, buscamos a palavra de quem o conheceu, admirou e o reconheceu como uma das figuras mais ilustres e produtivas da literatura brasileira. Escritor, traduzido em várias línguas, médico, jornalista, professor, membro da Academia Brasileira de Letras, Moacyr Scliar está nas páginas desta edição pela palavra de intelectuais e acadêmicos que imediatamente, e

sensibilizados, responderam a nosso convite para que a WebMosaica, junto aos colaboradores que se uniram a nós, manifestasse o seu preito ao escritor, ao amigo querido, incentivador do projeto da revista desde seus primeiros passos e seu sempre disponível colaborador.

No **Dossiê**, colaboram a professora Rachel Elijor, chefe do departamento de Pensamento Judaico, da Universidade Hebraica de Jerusalem, Israel; Maria Luiza Tucci Carneiro e José Leon Crochík, da Universidade de São Paulo, Helena Lewin, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Zvi Shapiro, da Universidade de Carolina do Norte, dos Estados Unidos.

A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, coordenadora do *LEER - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação*, da Universidade de São Paulo, em seu texto abordando a cultura da tolerância, considera que esta noção, antes de referir-se a ‘suportar o outro por uma indulgência’, significa respeito, sendo preciso construir uma cultura que iniba atitudes de violência e intolerância e que propicie, nas palavras da autora, ‘a superação das desigualdades e o reconhecimento das diversidades’ e de ‘valores éticos que implicam justiça, lealdade, honestidade e respeito ao outro’. Tucci Carneiro considera ser possível conquistar a cultura da tolerância através de ‘um programa educativo direcionado para uma pacificação social’, para a qual é preciso ‘atender às necessidades fundamentais dos excluídos que necessitam de um mínimo de bem estar material, cultural e espiritual. Caso contrário, a fome e a pobreza, assim como a própria situação de exclusão podem favorecer atitudes de violência e intolerância’.

No texto *Solidariedade em tempos sombrios: tributo aos “Justos entre as nações”*, a socióloga Helena Lewin recupera alguns nomes que ficarão na memória graças ao título conferido pelo *Yad*

Vashem, de Jerusalém, àqueles não-judeus de vários países do mundo, que, arriscando a própria vida, salvaram judeus da máquina da morte nazista na 2ª Guerra Mundial. Por seu gesto humanitário, foram reconhecidos pelo Estado de Israel e tiveram seus nomes perpetuados no Jardim dos Justos entre as Nações, no Monte da Recordação, no Yad Vashem. Lewin conclui seu texto com a fala modesta de um dos salvadores de judeus, o Padre Bruno, da Bélgica: “Salvei? Eu, apenas, procurei abrigo para esses judeus, mas procurar abrigo sem encontrar é infrutífero: encontrar é essencial! Mas encontrar não foi meu trabalho, porque encontrar significa que portas foram abertas, a porta de uma casa, a porta do coração.”

O psicólogo José Leon Crochík, com o texto *Preconceito e Inclusão*, discute a questão da inclusão social, sobretudo a escolar, movimento que se fortaleceu a partir da década de 1990, e a do preconceito, um de seus obstáculos, associados a conceitos freudianos, como identificação e formação reativa, e a mecanismos sociais, tais como a segregação e a marginalização. Adicionalmente, o autor indica alguns caminhos para vencer tais obstáculos, cuja superação, para que seja plena, deve reconhecê-los e conviver com eles. Essa convivência, segundo Crochík, ‘revela um sonho humano e, como tal, possível de ser realizado quando as sementes do pesadelo não forem mais plantadas’.

No texto *Judaísmo e Democracia - O Domínio Privado e a Responsabilidade Pública*, Rachel Elijor examina, sob uma perspectiva sociocultural, a interação e as dicotomias fundamentais entre Judaísmo e Democracia, especialmente na organização política do Estado de Israel. Elijor distingue a visão religiosa, baseada na eterna autoridade divina, na verdade absoluta, na imutabilidade de certas leis e na concessão de um status especial a certos grupos humanos, da visão democrática, baseada no poder

que emana do próprio homem, em verdades e leis que podem mudar de acordo com as necessidades e com a realidade de uma certa época e na defesa da igualdade humana, independentemente de etnicidade, religião, raça, sexo ou família. Nesta segunda visão, os princípios democráticos devem ser salvaguardados pela legislação e universalmente aplicados, pois pertencem a todas as pessoas que vivem num país, não apenas a um grupo ou outro.

O educador Svi Shapiro, no texto *Educar para a paz*, traz uma noção ampla de violência, incluindo nela não apenas danos físicos, mas também a que se encontra estruturada nas relações diárias entre as pessoas e em todos os lugares onde os seres humanos são tratados de forma instrumental, exploradora ou manipuladora. Com base nessa noção, a educação para a paz visualizada pelo autor funda-se numa ampla visão holística de educação, com vistas a educar as crianças como seres morais, sociais e espirituais; e numa ‘pedagogia da paz, incluindo o repúdio às noções absolutistas da verdade, a importância da justiça social e da dignidade humana, a afirmação significando algo além daquilo que é oferecido pelo consumismo ou dogmatismo religioso, a transformação da cultura de competição e escassez, e o saber crítico dos meios de comunicação’.

A seção **Artigos** oferece ao leitor uma rara oportunidade de ter reunidos quatro análises acadêmicas de abordagens diversas sobre a obra do escritor Moacyr Scliar.

Regina Zilberman em seu artigo *O escritor, o leitor e o livro*, aponta, de início, os temas prevalentes no romance de Scliar, o da imigração judaica do Leste Europeu para o Brasil e o da integração, não sem profundos conflitos, do imigrante num país então em fase de modernização e mudanças, evidenciando-os, caso a caso, na trajetória dos personagens dos romances que analisa. A autora, no en-

tanto, não se detém só neles: com visão de alcance e original, chama a atenção para um outro tema, que remete ao judaísmo: o culto do livro, afirmando que “O tema se apresenta desde os escritos iniciais de Scliar”, como em *Memórias de um aprendiz de escritor*, em que este culto revela-se já na sua infância. Regina Zilberman passa, então, a mostrar a presença da leitura e do livro na ficção de Scliar e a examinar na narrativa como o livro e a leitura são impulsos para o imaginário e agentes de transformação do indivíduo e da sociedade e, por extensão, do mundo, concluindo que “Eis por que, em um caso e no outro, persiste, na obra de Moacyr Scliar, uma visão iluminista da leitura”.

No artigo *Moacyr Scliar e o conto insólito*, Maria da Glória Bordini trata do conto na obra de Scliar em várias de suas múltiplas faces, numa análise literária minuciosa de uma dezena de contos em que elas se manifestam, desde o que se inspira na tradição judaica, passando pelos de conotação social, política, de protesto, até os contos alegórico e fantástico e o tipo que, segundo Bordini, “não busca o riso e se poderia chamar de conto cruel”. Além desta fecunda versatilidade temática, Scliar, segundo Bordini, tem o mérito de ter criado, na narrativa do conto, “uma nova tradição, a do conto brasileiro-judaico”, assinalando, nesta tradição, a presença da literatura bíblica e israelense, da judeu-russa e da judaica norte-americana.

Ilana Heineberg, em *Espaços de abertura no shtetl brasileiro de Moacyr Scliar: uma leitura de A guerra no Bom Fim*, aborda a temática da imigração judaica assentada no bairro judeu em Porto Alegre, o Bom Fim, bairro que, para a articulista, inaugura-se ficcionalmente com Scliar. Ilana Heineberg ressalva, no entanto, que Scliar não se restringe a reproduzir o “estilo de vida dos *shtetlekh*”, mas mostra também a disposição de integração desses imigrantes no país de chegada. A partir da

constatação, a autora levanta dúvidas como “Qual é o sentido desse *shtetl* em Porto Alegre?”, “Que tipo de relação a aldeia judaica e os seus personagens mantêm com o conjunto da cidade e da sociedade?” e “de que modo o Bom Fim se abre para a cidade?”. Sobre os filhos dos imigrantes judeus que já abandonam o bairro, “O que fazer de suas origens?”. Para Heineberg, este é o conflito que vive a nova geração já nascida em terra brasileira, geração literariamente vivida nos personagens judeus de Moacyr Scliar. O foco da articulista recai, pois, na análise do processo de abertura territorial e transcultural, “em que os personagens ultrapassam as fronteiras do bairro étnico ou em que as culturas judaica e brasileira encontram-se”.

O significante “Israel” na novelística de Moacyr Scliar: a batalha por Jerusalém numa rua portuária do Brasil, de Patricia Nuriel, num viés semiológico, examina detidamente, em *Os voluntários*, o significante “Israel”, signo a que a autora atribui plurissignificação na narrativa do romance, rastreando nela diferentes representações desse significante, “cuja enunciação integra uma articulação da alteridade, indaga na memória, e questiona a ideia do nacional”, lendo-o também como operador de identidade e literário ou, como quer Nuriel, “elemento que cumpre uma função na construção identitária judaica e na configuração da trama”. A articulista avança para a construção da narrativa, na qual, segundo ela, recursos literários como ironia, humor, paródia, paradoxo, intertextualidade, ludicidade entrelaçam-se num discurso “cuja enunciação integra uma articulação da alteridade e da diferença”. Percorrendo passo a passo a trama do romance, a articulista dá conta da trajetória dos personagens e seus sonhos, fantasias e idealizações, conflitos interpessoais e ancestrais experimentados numa vivência pendular entre uma Jerusalém imaginada e a real rua Voluntários da Pátria, em Porto Alegre,

onde, finalmente, os conflitos ancestrais encontram solução na aceitação da Voluntários como um lugar que “não é nem paraíso perdido nem terra de promessa”.

Na seção **Entrevista**, apresentamos uma entrevista feita por Scliar, tendo Arnaldo Niskier como entrevistado, o qual responde questões sobre Haskalá, ou Iluminismo Judaico, entrevista que, lamentavelmente, ele não verá editada. Em outra entrevista, Scliar foi entrevistado por Luís Augusto Fischer, em 2003, revelando seu processo criativo e narrativo da crônica além de discorrer sobre a natureza do gênero, o qual publicou em livros e de modo contínuo em periódicos de grande circulação do país. Já em edição anterior (v.1, n.2, 2009), a WebMosaica teve o privilégio da palavra de Scliar em entrevista concedida a Regina Zilberman, com o título “Do Bom Fim para o mundo: entrevista com Moacyr Scliar” que, em uma dinâmica interativa de perguntas e respostas feitas e respondidas no formato de diálogo ao vivo, tornou uma entrevista por email em uma “conversa” ágil e estimulante entre ambos.

Na seção **Memória**, apresentamos dois comentários depoimentos pessoais, um de seu irmão, Wremyr Scliar, que narra episódios curiosos e desconhecidos do grande público, vividos na infância e juventude e intimidade do lar com os pais e os irmãos; e outro de Abrão Slavutzky, seu primo-irmão, que narra cenas familiares com muita sensibilidade. A seção ainda contempla um texto de Jacó Guinsburg, escrito após a morte do escritor, o qual, não sem um sugestivo toque de humor, homenageia-o com o elogio da diversidade de suas exitosas atividades profissional e intelectual, da qualidade narrativa e inventividade temática de seus contos e romances, sublinhando o convívio literário e identitário do Scliar escritor gaúcho com o Scliar escritor judeu.

Finalmente, na seção **Resenhas**, trazemos duas análises críticas do romance *Na noite do ventre, o diamante*, de Scliar, com leituras distintas, uma por Luís Augusto Fischer e outra por Rafael Bán Jacobsen. Em *Na noite do ventre, e o romance de Scliar*, Luís Augusto Fischer vai além do texto em foco para dar conta de outros romances do escritor nos quais a temática do imigrante judeu chegado do Leste Europeu em terras brasileiras é recorrente, mostrando em cada um, assim como em *Na noite do ventre, o diamante*, de que forma a temática se apresenta e dá mote à trama. Em *Errância, símbolo e rivalidade na saga de um diamante: uma análise de “Na noite do ventre, o diamante”*, Rafael Bán Jacobsen analisa o texto de Scliar focalizando sua trama, a qual, em sua perspectiva, ‘concerta uma

miríade de temáticas, e, dentre elas, três se destacam sob a óptica de uma leitura judaica: a rivalidade entre irmãos, o estigma da errância e a secular relação entre os judeus e os diamantes’.

A WebMosaica, como revista de assuntos judaicos, dedica, desse modo, estas seções àquele que “sem dúvida, marcou presença seminal da figura do judeu e da temática judaica na sua inserção na literatura brasileira” (Jacó Guinsburg, sobre o autor em email aos editores); “ao mesmo tempo, transcendendo o nacional, ele inclui a presença de um componente brasileiro e latino-americano na tradição da literatura judaica” (cf. Patrícia Nuriel, *O significante “Israel” na novelística de Moacyr Scliar: a batalha por Jerusalém numa rua portuária do Brasil*, no artigo publicado nesta edição).

Os editores